



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**BERNARDO JORGE ZACARIAS**

**TATUAGEM:  
PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO NA SOCIEDADE ANGOLANA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**BERNARDO JORGE ZACARIAS**

**TATUAGEM:  
PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO NA SOCIEDADE ANGOLANA**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zelinda dos Santos Barros.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**BERNARDO JORGE ZACARIAS**

**TATUAGEM:**

**PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO NA SOCIEDADE ANGOLANA**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 09/02/2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE TCC**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zelinda dos Santos Barros**

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB  
(Orientadora)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Gomes de Souza**

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB  
(Examinadora)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina da Costa Aguiar Petroni**

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB  
(Examinadora)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>7</b>
2.1	OBJETIVO GERAL	7
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>19</b>
	<b>Referências</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tatuar o corpo é uma prática milenar e, no decorrer da história, o ato de tatuar o corpo ocorreu por diferentes formas e motivos. Além do uso como ornamento para celebrações e rituais em diferentes culturas, a tatuagem se expandiu por todos os continentes, sendo marcador identitário de determinados grupos sociais. Em vários povos, a tatuagem é uma prática cultural com implicações na vida social da comunidade.

Nas ciências humanas e sociais, o pesquisador é movido por inquietações e curiosidades que surgem a partir da observação da sociedade (LAVILLE; DIONNE, 1999). Atualmente, como é cada vez mais frequente o uso de tatuagens, torna-se um fenômeno social digno de análise, concomitantemente com as suas implicações subjacentes. Pessoas de diferentes faixas etárias, status sociais, gêneros e grupos étnicos usam tatuagem, mas esta é uma prática rejeitada por vários grupos e, por esta razão, é estereotipada ou até mesmo demonizada. Na sociedade Angolana<sup>1</sup>, também se verifica a rejeição e a marginalização dos indivíduos que recorrem à tatuagem.

Em Angola, a adoção desta prática tem crescido, em conflito com a cadeia de valores endógenos salvaguardados pelos anciãos e pelo tecido histórico–moral e cultural à luz do novo paradigma de resgate dos valores cívicos e morais Angolanos. Este fato despertou meu interesse em investigar esta prática e compreender os sentidos a ela atribuídos a fim de responder à seguinte pergunta: Como se dão o preconceito e a estigmatização da tatuagem na sociedade Angolana?

Busco conhecer o contexto histórico e social desta prática a fim de entender as diferentes formas de como ocorre na sociedade Angolana, assim como identificar as causas do preconceito e da estigmatização da tatuagem, seus significados e possíveis processos de ressignificação em Angola, tendo em consideração que as sociedades não são estanques e os processos de interculturalidade e aculturação são próprios das dinâmicas culturais, gerando, por vezes, conflitos geracionais. Estes fenômenos conheceram incremento no âmbito da globalização, que trouxe e tem trazido

---

<sup>1</sup> Angola, país do continente africano localizado na parte ocidental de África é, segundo Zau (2002, p.32), uma nação “[...] limitada a norte pela República do Congo e por uma parte da República Democrática do Congo (ex-Zaire); a leste, pela República da Zâmbia e por uma outra parte da República Democrática do Congo; a sul, pela República da Namíbia e a oeste, pelo Oceano Atlântico”.

proximidade culturais e, com isto, uma experiência cada vez mais crescente de sincretismo cultural.

A escolha deste tema está ligada de forma direta à minha experiência pessoal. A minha primeira tatuagem foi feita aos 13 anos. Quando os meus pais descobriram que sou tatuado, expressaram muita tristeza e os meus tios agiram da mesma forma, argumentando que esta prática não é aceita na nossa família, que “a tatuagem é a marca do diabo”. A minha experiência reflete a realidade de muitas pessoas que enfrentam o preconceito e discriminação no seio familiar e em outras instituições sociais. Portanto, urge ir além de uma perspectiva individual e ampliar a pesquisa a fim de agregar mais pessoas que lidam com preconceito, estigma e marginalização referente às suas tatuagens e, assim, realizar uma pesquisa em que estes indivíduos sintam-se à vontade para partilhar as suas experiências.

Diante da diversidade de temas apresentados e pesquisados na UNILAB, falar sobre preconceito e estigmatização da tatuagem em Angola é desafiador para qualquer estudante e orientador(a), pois este tema converge com o caráter interdisciplinar do curso e estimula reflexões e debates sobre a tatuagem e suas implicações fora do cenário euro-americano, além de incentivar outros pesquisadores a desenvolverem mais pesquisas sobre esta e outras mudanças corporais nas sociedades onde estas práticas são identificadas.

Esta pesquisa, de cunho etnográfico, será realizada num local onde as práticas de mudanças corporais - especialmente as tatuagens, são recorrentes, mas não há evidências de pesquisas que visem problematizá-las. Deste modo, a perspectiva trazida neste projeto de pesquisa consiste em buscar perceber as implicações sociais da prática da tatuagem no contexto social Angolano. Diante da escassez de trabalhos de pesquisadores locais ou estrangeiros abordando esta temática no contexto Angolano, percebe-se que é imprescindível trazer as narrativas de pessoas tatuadas para melhor alcançar os objetivos propostos e dar as respostas no problema de pesquisa levantado.

Pretendo fazer uma síntese panorâmica da história da prática da tatuagem no mundo, sobretudo o desencadeamento da prática de tatuar em Angola, a fim de contextualizar o objeto estudado. Porém dada a escassez de referências bibliográficas, esta contextualização não será feita por periodização e sim de forma holística. A abordagem de estudo é etnográfica, visto que a pesquisa será

fundamentada nas informações obtidas junto ao grupo social investigado (os tatuados) durante a interação e a observação participante focalizará as experiências sociais destes sujeitos em relação à depreciação, agressões (físicas, verbais e psicológicas) e preconceitos sofridos em decorrência da prática da tatuagem.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

- Identificar as causas do preconceito e estigmatização da tatuagem em Angola.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender o contexto histórico e social da tatuagem em Angola;
- Descrever o uso e significados da tatuagem na sociedade Angolana contemporânea;
- Assinalar os obstáculos com os quais as pessoas tatuadas se deparam no dia a dia em Angola.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A mudança corporal é um fato presente na sociedade Angolana. A tatuagem é uma das mudanças corporais mais requisitadas e vem ganhando apreciadores no país. Segundo o artigo 40º, item 1, da Constituição de Angola (2010),

Todos têm o direito de exprimir, divulgar e compartilhar livremente os seus pensamentos, as suas ideias e opiniões pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como direito e liberdade de informar, se informar e de ser informado, sem impedimento nem discriminações.

O artigo supracitado não faz menção explícita sobre tatuagem, todavia, alude a questões inerentes à liberdade de expressão nas suas diversas formas. Assim sendo, se concebermos a tatuagem como uma forma de expressão, podemos concluir que o

artigo engloba a tatuagem como uma forma de expressão por meio de imagens que têm o corpo como suporte.

Por muito tempo, os estudos sobre a tatuagem associavam-na aos rituais de passagem e às questões religiosas e culturais, mas as transformações sociais engendraram novas indagações atinentes ao corpo e a tatuagem. Mesmo sendo uma prática existente em diversas sociedades, os significados atribuídos à tatuagem não são universais, variando de acordo com a cultura de cada povo, país e sociedade.

Diferentemente das diversas manifestações culturais que têm um marco histórico temporal e espacial, o surgimento do ato de tatuar o corpo não é preciso, pois não há evidências de qual teria sido o primeiro povo a realizá-la. Estima-se que ela surgiu após um homínido ter se orgulhado de uma cicatriz que demonstrava a sua coragem, despertando nele a vontade de dominar o mundo e registrar no corpo o seu desenvolvimento biológico, cultural e social (MARQUES,1997). Outra hipótese consiste no surgimento da tatuagem nos diferentes continentes, povos e tribos sem nenhuma influência externa, isto é, sem nenhum contato intercultural. Como resultado, verificam-se os diferentes valores simbólicos, funções e técnicas do seu uso.

Presente desde as civilizações antigas, há registros de tatuagens em corpos mumificados na civilização egípcia e nos estudos sobre a tatuagem no antigo Egito destaca-se a princesa Amunet que, segundo Marques:

[...] viveu por volta de 200 a.C., na XI Dinastia, período do médio Império. Amunet tem desenhos simples, abstratos, feitos de pontas e linhas, dos quais Victoria Lautman, em *The new Tattoo* (A nova tatuagem) - com base em *tattoo in ancient Egypt* (Tatuagem no Egito Antigo), de Roberto S. Bianchi-, destaca um motivo elíptico tatuado na barriga que devido a sua localização, pode ter a ver com ritos de fertilidade. (MARQUES, p.17)

Portanto, os corpos mumificados constituem a fonte histórica da tatuagem, tanto que o registro das primeiras tatuagens feita pelo homem encontram-se no corpo da múmia conhecida por Otzi, encontrado na fronteira entre a Áustria e a Itália, nos Alpes *Ötztaler* em setembro de 1991. Estima-se que o seu corpo naturalmente mumificado tenha 5200 anos (KUTSCHERA; ROM,2002). A descoberta de Otzi despertou interesse de pesquisadores de diferentes áreas científicas e no âmbito das mudanças corporais estudos foram feitos com finalidade de mapear os números de tatuagens e decodificar as informações em torno das tatuagens não figurativas, de



acordo com Lima (2020, p. 18) “[...] Otzi é o primeiro registro que se tem de tatuagens não figurativas na história”.

A par do descrito acima, as civilizações ocidentais também têm nos anais da sua história registro de tatuagens desde os tempos clássicos. De acordo com Lima (2020), inicialmente na Grécia antiga, as tatuagens estavam associadas às marcas punitivas, usadas para identificar pessoas envolvidas em práticas ilícitas e os escravizados. Desta forma, a pessoa com tatuagem era afastada do convívio social imposto a um lugar de marginalidade. Ainda na civilização romana, o uso da tatuagem estava associado ao ornamento de guerra e, usada como um recurso intimidativo, a partir dela os soldados romanos expressavam a sua bravura e poder. Os significados atribuídos à tatuagem pelos soldados romanos foram além da bravura, tornando-se uma marca de caráter religioso (LIMA, 2020, p. 23).

Além da Grécia e Roma, outros povos europeus adotaram o uso da tatuagem: os citas, trácios, tebanos etc. (MARQUES, 1997). Com o cristianismo difundido no Império Romano e o fortalecimento da igreja católica, Constantino I condenou o uso da tatuagem (MARQUES, op. cit.). De acordo com (MARQUES, 1997; LE BRETON, 2004) o homem, entendido como uma criação de Deus todo poderoso, criado para adorar à Deus na sua plenitude, não podia modificar o seu corpo com qualquer tipo de marca corporal e o uso da tatuagem deduzia-se como afronta à criação divina do homem por Deus. Ademais o catolicismo associou a tatuagem ao paganismo, dado que para algumas culturas pagãs, as tatuagens estavam envoltas em misticismo. Consequentemente, a tatuagem foi banida da Europa durante séculos, importando salientar que este banimento está associado aos acontecimentos históricos medieval, sobretudo no contexto religioso do teocentrismo.

Entretanto em outras latitudes as situações eram diferentes. O biólogo Charles Darwin indicava que “Não se pode nomear um país, do Polo Norte ao Sul da Nova Zelândia no qual não haja aborígenes que não se tatuem” (DARWIN, 1871, p. 339, apud Rodriguez, 2011, p.39). Deste modo, enquanto a tatuagem foi banida da Europa ocidental em outros povos não ocidentais, descritos como sociedades tradicionais mantinham a prática de tatuar, que segundo (FERREIRA,2011) constituiu um elemento cultural demarcador da transição das fases de desenvolvimento dos indivíduos. Nestas sociedades, o ritual de passagem simboliza a maturação do adolescente, a confirmação da transição do adolescente à fase adulta diante dos demais membros

da comunidade, por conseguinte, nas suas vivências, as tatuagens nos corpos caracterizam os indivíduos que estavam preparados para desempenhar as atividades determinadas aos adultos.

Observa-se que nas diferentes pesquisas que trazem a contextualização histórica da tatuagem, vários autores convergem (MARQUES, 1997; FONSECA, 2003; OSÓRIO, 2006) que o ressurgimento da tatuagem na Europa deu-se por meio das grandes navegações, o contato com povos de diferentes continentes; africano, asiático, as américas e Oceania onde o ato de marcar o corpo e os significados das tatuagens estavam ligados as suas práticas e manifestações culturais. Dos vários povos destacam-se os do pacífico do sul os quais cujo as suas técnicas de tatuar e os estilos de tatuagens cativaram os marinheiros e exploradores europeus fascinados pelas tatuagens adotaram as mesmas práticas, Osório (2006) considera que é com este povo que os europeus tiveram uma reação além de estranhamento, delimitando as navegações do século XVIII como marco da importação da prática de tatuar para a Europa, a partir deste contato em que começa-se a registrar a incorporação da tatuagem pelos marinheiros europeus e a curiosidade de aprender a técnica de tatuar. É neste movimento do ir e vir das expedições europeias que a tatuagem se difundiu na Europa. Ainda segundo Osório, a profissionalização da tatuagem pelos marinheiros tornou os portos e bordos meios difusores da prática da tatuagem no princípio os clientes constituíam a classe marginalizada.

Angola é um país de pluralidade etnolinguística acentuada, constituída por uma população maioritariamente Bantu, um povo oriundo da região central da África, que posteriormente se estabeleceu na região dos grandes lagos e daí imigrou para a região austral de África. Os Bantu, portanto, compreendem a maioria da população da África Austral. No território conhecido hoje como Angola, imigraram diferentes grupos Bantu dentre os quais destacam-se os Bakongo, Ambundo, Ovimbundo, Nganguela, Cômkwê, Kwanyama, e entre eles uma pluralidade de diversidades culturais e linguísticas (Zau, 2002).

Apesar de possuírem diversidades culturais, nelas não há registo digno de relevo sobre o uso de tatuagens<sup>2</sup>, ou seja, a tatuagem não fazia parte desta diversidade. Cada um destes grupos tinha a sua própria forma de educação, entre os

---

<sup>2</sup> Não estamos considerando, os ornamentos rituais e as escarificações como tatuagem, deste jeito a tatuagem referida aqui converge com o conceito de Le Breton “é um sinal visível gravado na própria pela graças a injeção duma matéria colorida na derme (LE BRETON, 2004, p.10).

Ovimbundo a instituição de ensino era o Ondjango, entre os Cômwe o Tchoca, entre os Kwanyama o Olupale, estas instituições eram dirigidas por anciões. Nela ministravam-se o essencial para vida coletiva, produtiva, reprodutiva e de certa forma combativa. A tatuagem não era prática nestas escolas e concomitantemente nestas sociedades (KUNDONGENDE, 2013).

Correspondendo as formas da difusão da tatuagem pelo mundo no contexto Angolano a tatuagem está associada à guerra colonial, que durou aproximadamente 14 anos. Após quase cinco séculos do domínio colonial português, começaram a surgir de forma mais organizadas os focos de luta anticolonial, de modos que entre os anos 1961 a 1975, ocorreram as chamadas guerras ultramarinas (ZAU,2002), desencadeadas pelos movimentos de resistências Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Segundo Visentini (2012), estes movimentos tinham os mesmos objetivos, no caso acabar com a opressão colonial portuguesa, porém, divergiam de forma ideológica e étnico-cultural, devido as influências externas que cada movimento estava atrelado. Segundo Azevedo (2012), no século XX, a prática da tatuagem em solo português estava vinculada a uma prática imoral. Os cidadãos portugueses refletiam a ordem e moralidade portuguesa também nas suas representações corporais e tatuar o corpo tornava o indivíduo indigno e susceptível a punição. Durante a guerra colonial, foram enviados soldados para as colônias portuguesas, e é neste contexto que a repulsa ao sujeito tatuado vigorava, como afirma Azevedo:

[...] em plena Guerra ultramar (antigas colônias de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, 1961-1974) e de uma forma rudimentar e Manual alguns cidadãos portugueses marcaram a sua pele com frases, palavras e datas que adotavam de significado a sua passagem por terras africanas, com o objetivo de exporem os locais por onde haviam passado[...] (Azevedo, 2012, p.2).

As tatuagens feitas durante a Guerra colonial possuíam características peculiares na sua técnica de aplicação, pois eram feitas pelos próprios soldados, sem qualquer informação sobre os efeitos da tinta na epiderme e, sobretudo, não havia preocupação com o processo de esterilização dos objetos perfurantes usados. Ainda neste contexto, Azevedo afirma (2012) que os soldados tinham noção das marcas corporais que incorporavam e as escolhas dos desenhos e do lugar no corpo onde inscreviam as tatuagens estavam intrinsecamente ligados à condição social e ao meio

que eles estavam inseridos, por conseguinte, configurava-se como uma linguagem, uma maneira de se comunicarem entre si. Os símbolos e escritas minimalistas em seus detalhes tendiam a expor informações possíveis de serem decodificadas por pessoas envolvidas aquele cenário. Azevedo (2012, p. 7) realça que

[...] nestes grupos o estatuto destes indivíduos emerge com um estilo muito próprio, a marca corporal equivale, nestes casos, a um selo de aliança, que faz sentido para todos que fazem parte do respectivo grupo, um signo de identidade pessoal/coletiva.

Para este grupo, a tatuagem cumpria um papel agregativo, a sua incorporação era um meio de fortalecimento entre os soldados, adverso ao caráter excludente e discriminatório que existia na metrópole.

Há ausência considerável de registros que atestem a prática da tatuagem em Angola após o período de Guerra Ultramar. Ainda assim, como observou-se, historicamente a tatuagem foi muitas vezes adotada por imitação e apropriação e, no ambiente de guerrilha, sempre visto como um emblema de bravura e dominação. Estima-se que a sua prática também esteve presente na guerra civil em Angola (1975-2002).

Durante a busca exploratória de bibliografias que falam sobre mudanças corporais em Angola, com maior foco na tatuagem, constatou-se que existem pouquíssimas produções acadêmicas relacionadas à tatuagem, e as que existem são produções acadêmicas de pesquisadores portugueses, delimitadas ao contexto colonial. Assim, percebemos que esta é uma pesquisa pioneira e, por isso mesmo, uma referência para outras pesquisas que vierem a ser feitas em torno da temática. Sua relevância consiste em preencher a lacuna referente a trabalhos que se debruçam sobre este fenômeno no contexto Angolano a partir de uma perspectiva endógena, além de procurar compreender como ocorre e propor solução a um problema social: a estigmatização da tatuagem.

Ao propor a identificação das causas do preconceito e da estigmatização da tatuagem em Angola, esta pesquisa nos convida a prestar atenção aos obstáculos que as pessoas tatuadas enfrentam no dia a dia. Em decorrência disto, convida-nos a olhar para um problema sociológico advindo das novas dinâmicas socioculturais, que trazem consigo enorme peso peculiar. Analisar e compreender este fato é o meio viável para pensarmos nas possíveis alternativas de mudança de paradigma, com o

intuito de garantir a inclusão e a integração social das pessoas tatuadas na sociedade Angolana.

#### **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Na atualidade, em Angola, facilmente encontram-se pessoas tatuadas de diferentes faixas etárias, status sociais, gêneros e classes, podendo-se perceber que as tatuagens observadas na contemporaneidade não estão associadas às tatuagens feitas na guerra colonial e, conseqüentemente, estão alheias ao significado atribuído naquele contexto. Em função da globalização, devido à difusão da informação em tempo real os Angolanos se deparam com publicidades, filmes, novelas, desporto onde os atores sociais usam a tatuagem majoritariamente de forma estética. De fato, este é um dos meios pelos quais a tendência de tatuar é disseminada em território nacional. Segundo Lise, Gauer e Neto (2013, p. 302) “Entre outras coisas, essa generalização indica a interiorização de uma tendência à hegemonia de uma expectativa corporal que estaria se difundindo pelo mundo”.

Assim, conforme Ferreira (2011), cabe realçar que estas tatuagens não são feitas fundamentadas num preceito coletivo, as pessoas tatuam por razões próprias, ou seja, têm a autonomia de decisão sobre o que, quando e onde tatuar. Sob o mesmo prisma, os autores Lise, Gauer e Neto (2013) com base aos resultados dos trabalhos de campo referente a tatuagem, salientam que os fatores particulares são determinantes na escolha e atribuição de significado das tatuagens contemporâneas.

Nas sociedades contemporâneas, a construção da identidade do sujeito é fragmentada (HALL, 2006) e as razões subjacentes que levam os Angolanos aderirem às tatuagens são aqui percebidas sob prisma desta dinâmica social. Muitas pessoas buscam tatuar os seus corpos em diferentes estilos e as razões que levam as pessoas à prática da tatuagem não são específicas. A princípio, podemos inferir que as razões estéticas são predominantes. De acordo a Le Breton (2004), as tatuagens contemporâneas cumprem um papel estético, servindo de acessórios de embelezamento do corpo percebido como manipulável, modelado e propriedade do sujeito. As razões que levam as pessoas à tatuagem também podem estar vinculadas à ideia de autoafirmação, da compreensão de que o corpo do indivíduo é dissociado

do coletivo. Nas relações interpessoais, no que tange ao uso da tatuagem pelos jovens nas doutrinas religiosas, punições familiares estão cada vez mais enfraquecidas e, portanto, já não impedem os jovens de adotarem a tatuagem.

As razões que levam as pessoas de diferentes faixas etárias, classe social tatuarem seus corpos são inúmeras, levando-se em consideração que os significados atribuídos às tatuagens são contextuais. Segundo o pesquisador Carvalho (2009), estas inúmeras razões podem ser sintetizadas em duas: o uso cosmético e o uso poético, o primeiro relacionado ao adorno do corpo a fim de torna-lo belo aos olhos do outros e o segundo relacionado à informação latente em toda tatuagem. Esta ideia defendida por Carvalho não encerra a problemática atinente às razões de tatuar o corpo, não obstante mostra que as motivações que levam os diferentes sujeitos a aderirem à tatuagem podem ser análogas nos diferentes lugares e contextos.

Para compreender de que forma o estigma em relação, se desdobra socialmente, recorreu-se ao autor canadense Erving Goffman. Segundo Goffman (2019), estigma era o termo usado pelos gregos para distinguir as pessoas que representavam perigo para a sociedade. No caso de indivíduos cujos comportamentos não correspondiam à ordem moral grega, estigmatizar consistia na prática de marcar os seus corpos com cortes e fogo, a fim de evidenciar que a pessoa não é digna de conviver.

De acordo com Le Breton (2004), a marca corporal foi por muito tempo vulgarizada como marca de infâmia na Europa, usada para punir escravos, criminosos, e cumpriam o papel preponderante de estigmatizar e desumanizar. Contemporaneamente, o que se entende como estigma não se limita às marcas físicas, aos sinais corporais, mas, ainda assim, é principalmente usado em alusão ao negativo. A partir da observação da interação entre os indivíduos, Goffman (2019, p.14) propõe três categorias de estigma, afirmando que

Podem se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como a vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical, [...] os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2019, p.14).

Ao alinhar os estudos de Goffman com o estigma ligado à tatuagem, entendemos que a deformidade do corpo não se restringe no sentido da má formação congênita ou deficiência, mas sim no sentido de atribuir ao corpo uma outra forma além da biológica ou natural, nesse sentido modificar o biológico para dar-lhe outra forma estética subjetiva e artificial, enquadrando-se nesta tipologia as tatuagens, os piercings, a escarificação e outras formas de mudanças corporais. O ser humano é um ser essencialmente social, a interação é imprescindível para o seu desenvolvimento biológico, cultural e social, é nos grupos sociais onde o indivíduo se depara com pessoas que acarretam traços comuns e diferentes dos seus, desta maneira para a integração nos grupos sociais, o indivíduo deve corresponder as normas e expectativas do grupo que pretende integrar, a rejeição sob estas normas e padrões sociais pode afastar o indivíduo do grupo, este é um dos processos sociais que emerge o estigma.

Conforme Goffman (2019), o estigma é um atributo socialmente visto como depreciativo, que impede o indivíduo de se inserir na sociedade da forma plena e inclusiva. O sujeito que possui uma marca estigmatizante está condenado a um modo de vida restritivo e o processo de estigmatização, no entendimento de Goffman (2019, p.10), é um fenômeno em que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

As pessoas que trazem tatuagens em seus corpos são vistas com olhares questionadores por aquelas que a consideram uma prática que desvia das normas sociais e, para estas, os tatuados pertencem a uma categoria marginalizada. O estigma, neste caso, é a negação daquilo que não nos identifica, tornando-se assim uma marca de rejeição. Assim, nas relações interpessoais, o estigma é a característica do outro que não se havia previsto e que não é aceita. No que se refere à tatuagem na sociedade Angolana, faz-se ainda como uma prática que não condiz com os padrões sociais de grupos específicos.

Segundo uma das poucas entrevistas que abordam a tatuagem em Angola, publicada pela PlatinaLine (2015), o tatuador Jesse Jackson, ao ser questionado sobre a existência de preconceito em torno a tatuagem, respondeu que “O preconceito tem diminuído bastante, mas ainda existem pessoas desinformadas e desactualizadas sobre o convívio social e a tolerância dos dias de hoje”. Ao ser questionado sobre

seus projetos com a tattoo, revelou: “tirar o tabu das pessoas de que tatuagem é coisa de bandido, criar convenções e mostrar que tatuagem é uma obra de arte viva, e temporal tanto quanto a vida!”. De acordo ao relato de Jesse, é possível inferir que a tatuagem a sociedade Angolana ainda é permeada pelas razões históricas da marginalização da tatuagem. Segundo Netto (2009, p. 99), a afirmação e defesa da tatuagem como uma prática insolente em diferentes momentos históricos tornou-a “herança de uma marginalidade ancestral” e a associação da tatuagem à criminalidade inibe os indivíduos que desejam praticá-la devido ao julgamento social da pessoa tatuada como rebelde.

Para Le Breton (2004), a permanência do preconceito em torno a tatuagem está ancorada na sua história, associada ao uso da tatuagem desde os primórdios pelas classes sociais marginalizadas. A ideia da tatuagem como uma marca de pessoas ociosas tornou a prática em si deplorável, em vista disso, constatam-se as implicações destas ideias numas das quais se estruturam os estereótipos e preconceitos em relação à tatuagem nas sociedades, que a associam à criminalidade ou ao desvio.

O preconceito é uma categoria teórica que tem de ser compreendida dentro das relações sociais. Assim sendo, não existe preconceito sem o contato entre os indivíduos. De acordo com Marilena Chaui (1996/1997, p. 117 apud SILVA, 2010, p. 564) preconceito é “uma idéia anterior à formação de um conceito. O preconceito é a ideia preconcebida, anterior, portanto, ao trabalho de concepção ou conceitualização realizado pelo sentimento”. O preconceito nas relações interpessoais se desdobra de forma complexa e, como destacam Bandeira e Baptista (2002):

Pela sua sutileza, caráter difuso e capilaridade de intromissão nas relações sociais, a eficácia e a ubiquidade do preconceito são máximas, tanto em relação às práticas de controle, como às de denominação e subordinação em todas as categorias sociais. Manifestam-se como produtor e reproduzidor de situações de controle, menosprezo, humilhação, desqualificação, intimidação, discriminação, fracasso exclusão nas relações entre os gêneros, na esfera do trabalho, nas posições de poder, nos espaços morais e éticos e nos lugares de enunciação de linguagem. (BANDEIRA; BAPTISTA, 2002, p. 127)

A existência do preconceito em torno a tatuagem na sociedade angolana indica, inicialmente, que as pessoas não têm a noção do que é a tatuagem na sua amplitude e, com efeito, surgem afirmações estruturadas a partir do que o indivíduo cresce ouvindo no meio social em que está inserido. As atitudes e falas preconceituosas



diante ao sujeito que sofre o preconceito, neste caso, a pessoa tatuada, é fundamentada em discursos que visam inferiorizar e marginalizar o outro. Estes discursos são fundamentados com afirmações de que a tatuagem é “sinal de bandido”, “marca do diabo” e outras palavras e atos preconceituosos a serem registradas no estudo de campo.

No que tange à estigmatização, as pessoas que não usam as tatuagens, que na linguagem de Goffman seriam os “normais”, buscam constantemente legitimar os seus atos preconceituosos. De acordo a Silva (2010), toda ação humana que tem em seu escopo a subalternização do outro é sustentada por preconceitos correlacionados com os estereótipos. Afirmar que a pessoa que possui a tatuagem “é desviada”, “acarreta a marca do diabo”, é um ato de manipular a identidade do outro, que consiste na imputação de um atributo incoerente com a personalidade do indivíduo.

## 5 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pois busca-se compreender a forma que atos preconceituosos afetam as pessoas tatuadas nas suas relações sociais partindo das suas percepções e experiências cotidianas, pois, segundo Minayo (2002, p. 21-22), a abordagem qualitativa “[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]” e, a pesquisa etnográfica, de acordo com Severino (2007, p.119) “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em diversas modalidades. Trata-se de um mergulho microsocial, olhado com uma lente de aumento.”

A pesquisa será feita em Angolana, na província de Luanda, em estúdios de tatuagem. Enviaremos a carta de solicitação aos proprietários dos estúdios a fim de termos o acesso ao nosso *locus* de pesquisa. O estúdio de tatuagem é o campo adequado porque é o local onde encontramos as pessoas tatuadas e aquelas que têm interesse em se tatuar, de diferentes classes, gênero e grupos étnicos raciais. Portanto, correspondem ao grupo social com o qual pretendo interagir, visto que estão diretamente envolvidos no fenômeno social em pesquisa.

Usaremos da observação feita de forma minuciosa, visto que as expressões corporais contêm informações que nem sempre os indivíduos pesquisados pretendem expor. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a observação coloca e impulsiona o pesquisador a conhecer a realidade do fenômeno social pesquisado e para que possa examinar os fatos e fenômenos pesquisados. Portanto, por meio da observação participante, pretendo participar ativamente das ações no campo.

Em função dos objetivos gerais e específicos traçados na pesquisa, alinharemos a observação sistemática. “Na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe (MARCONI E LAKATOS, 2003. p.193).

Para uma maior abrangência no que concerne busca de informações, será indispensável o uso das entrevistas. Gil (2008, p.109) define a entrevista como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social”.

As entrevistas serão feitas com a permissão dos indivíduos e, antes de iniciá-las, informarei sobre do que se trata a nossa pesquisa para que a/o entrevistada/o tenha noção dos propósitos do estudo. Farei a entrevista semiestruturada, estarei no campo de pesquisa com o roteiro temático e de perguntas previamente elaboradas, porém não seguirei fielmente as ordens das perguntas, com base na observação das respostas, isto é, ouvindo e prestando atenção nas expressões do entrevistado, farei a pergunta que mais se adequa no momento específico, as perguntas que não constam no roteiro serão feitas no momento em função da conversação, contudo dentro do eixo temático da pesquisa (MINAYO,2002).



## Referências

- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 119-141, 2002.
- CARVALHO, Eric de. **Tattoo**: incorporações de produtos midiáticos por meio de tatuagens. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação de Faculdade Cásper Líbero, 2010.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. **Tatuar o corpo jovem hoje**: Rito de passagem ou ritual de impasse? **Vivência**, Universidade de Lisboa, v. 36, p. 137-156, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/6127>.
- FONSECA, Andrea Lissett Perez et al. **Tatuar e ser tatuado**: etnografia da prática contemporânea da tatuagem. Estúdio: Experience Art Tatto-Florianópolis-SC-Brasil. 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, v. 4, 2006.
- JESSE Jackson Pedro. **O Tatuador Angolano de Sucesso**. Angola, 9 abr. 2015. Disponível em: <https://platinaline.com/jesse-jackson-pedro-o-tatuador-Angolano-de-sucesso/>.
- KUNDONGENDE, J. de. **Crise e resgate dos valores morais, cívicos e culturais na sociedade angolana**. Huambo: Ministério da Educação de Angola, 2013.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LE BRETON, David. **Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Miosótis, 2004.
- LIMA, Rodrigo Muniz de Souza. **Tatuagem: história e contemporaneidade**. 2020. Tese de Doutorado.
- LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. **Tatuagem**: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, v. 2, n. 3, p. 294-316, 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.
- MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco 1997.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

NETTO, HF da. O corpo como espaço imaginativo: tatuagem, práticas sociais e simbolismo (Dissertação de Mestrado). **Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil**, 2011.

OSÓRIO, Andréa. **O gênero da tatuagem**. 2006. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

RODRIGUEZ, L. S. **À flor da pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem**. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

SEVERINO, Antônio Joaquim. 1941- **Metodologia do trabalho científico**. - 23. ed. ver. atual.- São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. UNESP, 2012.

ZAU, Filipe. **Angola: trilhos para o desenvolvimento**. Universidade Aberta, 2002.